# A ALIANÇA ENTRE LEITURA E LITERATURA NA FORMAÇÃO DE LEITORES: A AUTORIA DO *ALMANAQUE DO LEITOR*

# READING AND LITERATURE RELATIONSHIP IN READERS DEVELOPMENT: ALMANAQUE DO LEITOR'S EDITION

Marta Morais da Costa[1]

**Resumo**:
O *Almanaque do Leitor,* criado pela Editora Positivo para o Ensino de tempo integral, pretende formar leitores por meio de atividades pedagógicas nascidas de obras literárias. Essa formação tem como princípios norteadores a invenção, o tratamento lúdico, um acervo de textos de múltiplas linguagens e a composição gráfica dinâmica e variada, típica de uma publicação como o almanaque. A formação dos leitores foi organizada em três níveis gradativos e ascendentes: leitor iniciante, em processo e autônomo. O resultado do projeto é um material que, além de original, está atingindo seus objetivos em um universo, até o momento, de 20 000 alunos.

**Palavras-chave**: Leitura. Formação de leitores. Almanaque do leitor. Literatura e leitura.

As melhores intenções para formar leitores com autonomia de compreensão e interpretação precisam levar em conta a qualidade da mediação, o tempo necessário para a formação e o material pedagógico e textual a ser utilizado. Por isso, ao planejar um processo destinado a formar leitores, a realidade alimentada por essas intenções procura dar conta de, ao menos, três fatores: tempo, mediação e recursos pedagógicos.

Cada um desses componentes da aprendizagem e do amadurecimento da reflexão crítica comporta estudos inúmeros e de cada vez maior complexidade. Em busca da síntese que este artigo pressupõe, serão oferecidos elementos já devidamente testados para sedimentar e servir de apoio às decisões e ações que pretendemos reportar.

O alvo das informações, descrições e reflexões a serem apontadas neste artigo será a criação de material didático para o Ensino Fundamental 1 na modalidade de ensino integral, na área de Linguagens do projeto Tempo da Editora Positivo, de Curitiba, com foco na formação de leitores. O material em foco denomina-se *Almanaque do Leitor* e tem como núcleo dinamizador a literatura. Como tal, segue pressupostos pedagógicos apoiados em uma filosofia de trabalho que traz da literatura os princípios básicos: ludismo, imaginação e inovação.

Em tempos de hostilidade à literatura com privilégios à maquinização, à tecnologia, à desindividualização e ao embotamento das faculdades de pensamento e crítica (ECO, 2010, p.18), a literatura constitui em si mesma um ato de resistência, quando não de subversão. Em tempos de hipertextos e exacerbada visualidade, que nova atuação está reservada ao leitor, órfão cada vez

[1] Doutora pela Universidade de São Paulo (USP) e Literatura Brasileira. Professora titular aposentada da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). E-mail: mcosta45@yahoo.com.br

Revista Literatura em Debate, v. 11, n. 21, p. 75-98, jul./dez. 2017. Recebido em: 02 jul. 2017. Aceito em: 10 jul. 2017.

mais dos textos impressos? De que leitor a atualidade está carente? No Brasil, onde os índices de leitura beiram à tragicomédia - meio muçarela, meio calabresa – as pesquisas indicam um quase imobilismo nas estatísticas de leitura e compreensão de textos.

A literatura, com seu duplo papel ético e estético - pode promover a conscientização individual e social e ainda ser fonte de prazer estético - é material disponível para fazer frente a comportamentos de grei e de degradação de valores, observáveis na sociedade brasileira atual. A literatura, digna de seu passado de reconstituição do real e de percepção avançada dos comportamentos desumanizadores, não comporta uma visão moralista fechada, dicotômica, absurdamente dual. Sua proposta, além da qualidade estética inovadora, é sempre de complexidade, de multiplicação de vozes e tons, de recusa de preconceitos e de liberdade de expressão. É evidente que não entra nessa concepção a alegada literatura de fins pedagógicos, morais ou impositivos.

Outro aspecto a ser considerado é o papel da mediação, em especial daquela que se faz no ambiente escolar. Responsabilizar a família pelos primeiros passos na formação de leitores ao disponibilizar acervos e exemplos pessoais de leitura é hoje uma questão dada por evidente e necessária (BINES, 2016). Em tese, porém, é na escola – em todos os seus níveis – que se encontram profissionais, acervos e metodologia para que o processo de formação de leitores possa ser desenvolvido de forma mais completa e com melhores resultados. Também essa visão da instituição escolar e sua relação estreita e indispensável com a formação de leitores são por demais conhecidas e compartilhadas. Avaliações nacionais de projetos de leitura (Vivaleitura, Professor Nota 10, Plataforma Pró-Livro do IPL (Instituto Pró-Livro) e outros) costumam premiar trabalhos e atividades desenvolvidas nas escolas.

Apesar de a formação inicial dos cursos de licenciatura, oferecida por instituições de ensino superior, nem sempre dedicarem uma parcela do currículo para formar mediadores de leitura, as lacunas deixadas podem ser preenchidas com a formação continuada. Essa formação continuada, seja formal – em cursos de extensão e especialização primordialmente – ou informal - nas constantes trocas de experiência entre professores, bibliotecários, assessores e consultores de materiais didáticos das editoras - tem conseguido conscientizar e preparar mediadores de leitura com boa qualidade.

A urgente necessidade de formação de mediadores para trabalhar com a leitura é indício mais do que evidente de que o tratamento dado às questões relativas à leitura está no cerne da aprendizagem. Quem arrasta ao longo da escolaridade problemas de compreensão de textos – que ultrapassam a alfabetização – tem baixo rendimento em todas as disciplinas escolares. Para

enfrentar essa dificuldade apontada por todos os testes de leitura realizados por avaliações sérias como o PISA, alguns procedimentos precisam ser implementados no Brasil.

O primeiro deles diz respeito à formação dos mediadores. Sabemos que o exemplo dos adultos é fundamental para a criação de imagens leitoras poderosas: a exclusiva retórica sobre a importância da leitura é insuficiente para formar leitores. O exemplo de adultos lendo é mais poderoso do que as mais retumbantes palavras ou os mais empolgantes sermões a respeito do assunto e até mesmo brilhantes ensaios e teses acadêmicas a respeito. Não se pode abrir mão de mediadores que leiam e que somem a esse ato o entusiasmo pelo que leem.

Não se pretende jogar sobre os ombros dos mediadores – sejam eles professores, pais, bibliotecários e intelectuais de várias profissões – toda a responsabilidade pela formação. Sabemos que o leitor precisa assumir também sua parcela de trabalho, de persistência, de valoração da leitura. Independente da idade e das circunstâncias de vida. Atraída a atenção para o ato de ler – e o professor sabe como motivar seus alunos para isso – o leitor precisa desenvolver suas estratégias de compreensão e seus interesses para continuar lendo.

O que integra esse circuito da leitura e se posiciona no meio de todo o processo é o texto, impresso ou não. Ele é o ponto inicial do trabalho com a leitura. Localiza-se ao longo de todo o processo quando se trata de leituras compartilhadas e de busca de sentidos para a vida.

> (...) o livro nas mãos de um leitor mais que uma fortificação, pode se assemelhar a um cavalo de Troia. É um artefato que pode introduzir, numa construção mais ou menos vedada, um grupo de presenças inesperadas. É um dispositivo que suscita possibilidades múltiplas e imprevisíveis de identificação, que pode gerar processos desafortunados na construção de nós mesmos e também oportunidades de sociabilidade inusitadas. (GOLDIN, 2012, p.103-104)

E seguramente o livro está presente, fisicamente ou não, na memória que esta leitura deixa nos acervos pessoais de seu leitor. Não há, portanto, como negar a participação contínua e relevante do material-base da leitura no processo de formação de leitores. É inegável que a história dos textos e de suas formas de organização e preservação foi sendo alterada ao longo dos séculos, exercendo novas funções dentro da cultura, assumidas por estes acervos.

> De vez em quando alguém diz que hoje se lê menos, que os jovens não leem mais, que entramos, como afirmou um crítico americano, na idade do Decline of Literacy. Eu não sei, certamente hoje as pessoas veem muita televisão, e existem indivíduos de risco que não veem nada além de televisão, assim como existem indivíduos de risco que gostam de injetar substâncias mortais na veia: mas também é verdade que nunca se imprimiu tanto quanto em nossa época, e que jamais como em nossos dias floresceram livrarias que parecem discotecas, cheias de jovens que, mesmo quando não compram, folheiam, examinam, informam-se.

> O problema é, antes, inclusive para os livros, o da abundância, da dificuldade de escolha, do risco de já não conseguir discriminar: é natural, a difusão da memória vegetal tem todos os defeitos da democracia, um regime no qual, para permitir que todos falem, é preciso deixar falarem também os insensatos, e até os cafajestes. Há o problema de como educar-se para escolher, certo, até porque, se não se aprende a escolher, corre-se o risco de ficar diante dos livros como Funes diante das próprias percepções infinitas, quando tudo parece digno de ser lembrado, nada mais é digno, e a pessoa preferiria esquecer. (ECO, 2010, p.18)

Na escola, a leitura esteve marcada desde a entrada da criança no ambiente, pelos objetivos da alfabetização. Ler era desempenhar uma função decifradora de signos e, até o século XVI, traduzir para a voz alta o que estava sendo apreendido do grafismo nas páginas. A leitura ficou indelevelmente marcada por fracassos e temores decorrentes dos resultados claudicantes da aprendizagem das letras. A palmatória veio somar-se ao objeto livro, qual um casal de ogros a assustar a tímida iniciação infantil. A cartilha era simultaneamente um objeto de aquisição de passaporte para a civilização e um fantasma assustador, com o séquito de reprimendas e castigos a ela anexado.

A leitura silenciosa trouxe outra metodologia, pois concebeu o fruto da desconfiança geral com a capacidade leitora das crianças e jovens: o questionário de *interpretação* de texto. Em formato de ficha de leitura, apensa aos volumes, ou de prova de leitura apensa à promoção nos graus da escolaridade, os dois instrumentos comungaram – e ainda o fazem em rincões nem sempre longínquos deste país – a crença de que os sentidos dos textos se reúnem em feixes organizados de ideias e unos em sua interpretação. Só assim as respostas podem ser numericamente avaliadas.

Para contribuir ainda mais com a aversão por livros de leitura, o material à disposição dos jovens e crianças apresentou-se por décadas em formatos desgraciosos, em antologias moralizantes, em visões de mundo adultas e graves, em linguagem castiça e erudita, considerada a única correta até o século passado. A acusação não se faz ao adjetivo *correta*, mas à força autoritária do *única*. A diversidade linguística deve muito à chegada dos escritos de Bakhtin ao Brasil, a partir dos anos 1970, em especial os conceitos de polifonia, dialogismo e carnavalização (BAKHTIN, 2013).

A complexidade de fatores sociais, educacionais, políticos, tecnológicos e ideológicos chegou avassaladora à edição dos livros, aos atuais conceitos de leitura, ao desempenho mais criativo dos educadores, à metodologia participativa e compartilhada, aos avanços contínuos e constantes das formas de editoração e edição e, sobretudo, à centralidade dos educandos no processo para formar leitores autônomos. O objetivo maior da atuação pedagógica em relação à leitura passou a ser a de constituir "cidadãos da cultura escrita" (COLOMER, 2007, p.30) muito

mais do que alfabetizados para ler instruções, identificação de programas de TV, manuais de uso de equipamentos, contratos ou nome das linhas de ônibus. Esta inserção em comunidades socioculturais amplas e historicamente atuantes por meio dos escritos caracteriza a transformação mais marcante das últimas décadas no Brasil. Esses novos caminhos de conhecimento do mundo implicam necessariamente a mudança de metodologias, objetivos e materiais de leitura. Atualmente, o ensino e o conhecimento ganham dimensões de amplo humanismo e socialização.

> O que quer que façamos, o que quer que ensinemos será transformado pelos outros. O foco de atenção deve estar, portanto, em dotá-los de possibilidades reais de construir respostas e perguntas, de estabelecer e construir identidades pessoais e coletivas a partir do reconhecimento da sua liberdade para autodefinir os limites e a natureza do grupo. E de respeitar as dos outros. Em outras palavras trata-se de nutrir o desenvolvimento da capacidade de reconhecer diferentes posições no interior de cada comunidade e de negociar semelhanças e diferenças no interior e no exterior dessas comunidades. (GOLDIN, 2012, p.105)

Nas considerações iniciais sobre pontos estratégicos em que se apoia a experiência, que será relatada, o primeiro deles é a valorização do recurso material que serve de base para a formação de leitores: o livro didático. Ele cumpre um papel de relevância na educação dos brasileiros e tem uma trajetória que remonta a 1929, com a criação do Instituto Nacional do Livro (INL), mas efetivamente posta em prática a partir de 1934, quando era Ministro da Educação Gustavo Capanema. Em 1977, o Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação – FNDE assume a distribuição de livros didáticos por todo o território brasileiro, até 1985 quando é criado o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, responsável também por suas políticas e que perdura até hoje. Muitas vezes objeto de polêmicas por seguir sistemas fechados ou por incluir em seus conteúdos páginas julgadas atentatórias à moral, ou por divulgar preconceitos, ou apresentar erros de informação, este recurso pedagógico é reconhecidamente um dos únicos materiais que servem a alunos e professores para desenvolver um trabalho adequado de aprendizagem em muitas escolas brasileiras.

> A grande capacidade que editores e autores demonstraram ao longo da história da educação brasileira de adaptar o livro didático às mudanças de paradigmas, alterações de programas oficiais de ensino, renovações de currículo e inovações tecnológicas é um dos fatores que justifica a sua permanência como parte integrante do cotidiano escolar de várias gerações de alunos e professores (...) [ele] tem assumido a primazia entre os recursos didáticos utilizados na grande maioria das salas de aula do Ensino Básico. Impulsionados por inúmeras situações adversas, grande parte dos professores brasileiros o transformaram no principal ou, até mesmo, o único instrumento a auxiliar o trabalho nas salas de aula (SILVA, 2012, p.805-806)

Tal primazia tem conferido ao livro didático uma sobrevivência exponencial na educação brasileira. Mesmo que, a partir de 2015, o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD do Ministério da Educação tenha facultado às editoras a apresentação de obras multimídia, reunindo o livro impresso e o digital, a carência de infraestrutura nas escolas e a formação incompleta dos docentes impediram essa atualização tecnológica, mantendo ainda a prevalência do livro didático impresso nas salas de aula.

Um segundo aspecto diz respeito ao entendimento que predomina hoje no Brasil de que todo processo de formação de leitores tem algumas características determinantes:

1 a formação começa – ou deveria começar – em casa, pois um ambiente letrado favorece a evolução das competências e da apropriação de estratégias de leitura;

2 a leitura é entendida como letramento e não como alfabetização pois a capacidade de ler os textos da realidade cotidiana ultrapassa a linguagem verbal exclusiva e as cartilhas;

3 o leitor passa por fases de desenvolvimento de estratégias, que recebem diferentes denominações e podem ser, em alguns leitores, simultâneas, não sucessivas;

4 a conquista da autonomia leitora pode ser orientada, mediada e sedimentada por diferentes atividades com foco em textos diversificados, incluindo o gênero literário;

5 a literatura, por sua natureza, propõe desafios de linguagem e cosmovisão diferentes e superiores muitas vezes a outros gêneros textuais;

6 a literatura, quando complexa e apresentando conflitos densos, amplia horizontes, amadurece a sensibilidade, estimula a imaginação e favorece a perspectiva crítica de compreensão e interpretação da realidade.

É necessário ressaltar que, quando tratamos de leitura, não tratando exclusivamente de leitura da literatura. Em uma cultura cada vez mais diversificada em produções e múltipla em linguagens e textos, a convergência das questões de leitura para o gênero literário exclusivo rouba aos leitores uma parte representativa da cultura à sua disposição. Ocorre que a literatura é o único gênero textual que tem como objetivos essenciais a imaginação e a palavra enquanto arte. A imaginação está disseminada no cotidiano, convivendo ao par do que denominamos o real, o concreto, o racional. Já "o mundo da literatura é um mundo sem nenhuma realidade senão a da imaginação humana. Muito do que encontramos nele traz-nos nítidas recordações da vida que conhecemos. Mas há nessa mesma nitidez algo de irreal." (FRYE, 2017, p.85). Em momento anterior da mesma obra, Frye havia esclarecido:

> Se escrevemos para transmitir informações, ou por qualquer outro motivo de ordem prática, a nossa escrita é um ato de vontade e intenção; dizemos o que queremos dizer,

> usando palavras como representações diretas do sentido intencionado. Já na literatura é diferente, não porque o poeta não diga o que quer dizer, mas porque o seu empenha está em juntar palavras. O importante não é o que o poeta possa ter querido dizer, mas o que as próprias palavras dizem ao se encaixarem umas nas outras. (FRYE, 2017, p.81)

Há nessa diferenciação a nítida valorização da palavra construindo um *modus operandi* centrípeto que a coloca como fim e esteio do texto efetivamente literário. Como fazer com que o leitor chegue a este grau de compreensão do texto que lê? Teresa Colomer, na defesa do que denomina "educação literária" entende que apenas "a leitura integral de obras literárias canônicas e de livros infantis não serve como atividade única para alcançar todos os objetivos da leitura literária na escola" (COLOMER, 2012, p.10). Faz-se necessário complementar a formação com "leitura de fragmentos, escrita, exercícios, informações ou sistematizações conceituais". (COLOMER, 2012, p.10). Seguindo esse pressuposto procuraremos discorrer sobre a criação de um material didático especial e inovador, objeto deste ensaio.

A partir desses pressupostos e, em especial, de suas contestações e dificuldades de aplicação, é que pretendemos expor o processo de criação do *Almanaque do Leitor,* de minha autoria, editado pela Editora Positivo, criado entre 2012 e 2013, visando exclusivamente à formação de leitores em diferentes estágios da escolarização do Ensino Fundamental (1º a 5º anos) de escolas de ensino integral no Brasil. O conjunto de volumes integra a *Solução Educacional Tempo – Integral*, uma proposta educacional que conjuga os saberes comunitários (alimentação, saúde, corpo, brincadeiras, organização política, narrativas locais, trabalho, condições ambientais , expressões artísticas, calendários, cultura local) e os saberes escolares (Linguagens e tecnologias, Ciências da Natureza e Matemática, Sociedade e Cidadania). Foi um trabalho efetivamente realizado em equipe, com todo apoio logístico e profissional da editora, em especial da tríade de editores Júlio Röcker Neto, Cristiane Mateus e Giórgia Hellou, sem os quais as melhores intenções e os mais atualizados conhecimentos não chegariam a vir à luz[2].

O eixo de Linguagens e Leitura tem dois tipos de material para o trabalho pedagógico. *O Almanaque do Leitor* e o *Caderno de Fazer e Ver Arte,* construídos a partir de uma concepção lúdica, aliada à precisão dos conceitos, com informações atualizadas, teorias pertinentes e focalizando a linguagem verbal e a linguagem imagética das artes visuais. O objetivo prioritário é favorecer e estimular os leitores a desenvolverem percepção, sensibilidade, inovação, com desafio permanente à imaginação e à expressão pessoal. Ampliando a esfera de formação para a cidadania

[2] Deixo aqui registrada, além de nomeá-la, a minha total e sincera gratidão a toda a equipe que atuou nos almanaques: Júlio Röcker Neto, Giórgia Hellou, Cristiane Mateus, Lúcia Klein, Solange Loos, Célia Suzuki, André Vilela Réus, Anabell Diez Previdi, Cynthia Amaral, Solange Druszcz, Angela Mari Chanoski-Gusso, , Ana Lúcia Pereira, Márcia Letícia de Aguiar, Adriana Oliveira, Giovanna Valenza, Solange Cohen, Sue Ellen Halmenschlager, Sandra Lopis, Jurema Ortiz, Eliana Fernandes Oliveira, Flávia Vianna, Newton Cesar e Cristiane Gomes Coutinho.

há orientação para trabalhos intersetoriais nas comunidades enquanto estratégias que reforçam a parceria e trazem sinergia ao processo educativo.

Especificamente no *Almanaque do Leitor* a competência oral, leitora e autoral é potencializada e aprimorada gradativamente em todos os volumes da coleção. Para tanto, há três níveis de competências e habilidades: leitor iniciante, leitor em processo e leitor autônomo. A gradação nesses níveis busca estabelecer um ponto de partida (*leitor iniciante*) concebido como o aluno que "está no estágio inicial da aprendizagem da leitura de textos simples (narrativas curtas e de estrutura básica (...) poemas curtos e sonoros, personagens que vivem situações próximas ao cotidiano ou parecidas com sua experiência de vida." (Eixo Linguagens e Leitura, p. 29) e ainda na dependência de um adulto para a compreensão e interpretação. Os textos e atividades são propostos em nível crescente de dificuldades temáticas, linguísticas e de ideias, de modo que , após um trabalho em quatro volumes, o aluno possa evoluir para um estágio de maior dificuldade (*leitor em processo*). Neste segundo nível, o aluno demonstra domínio de técnicas de leitura e escrita mais apuradas, certa independência de compreensão de narrativas curtas e médias, ainda com auxílio de ilustração e compreensão de conflitos narrativos mais intensos e detalhados (Eixo Linguagens e Leitura, p. 30). Os textos tornam-se mais longos, as referências dentro do almanaque ganham uma dimensão de maior amplitude e diversificação, as atividades pedem maior colaboração do aluno e maior maturidade na exposição de seus pontos de vista. Para o nível de *leitor autônomo,* o aluno já domina com alguma rapidez e familiaridade narrativas médias, relaciona textos de diferentes linguagens, argumenta logicamente e trata de temas e situações fora de seu contexto cotidiano, as atividades apresentam solicitações mais pessoais e convites à convivência de textos com perspectivas antagônicas e com problemas mais complexos (Eixo Linguagens e Leitura, p. 31-32).

Os conteúdos e objetivos dos almanaques são desenhados a partir do atendimento à Lei de Diretrizes a Bases do MEC e aos PCNs com alvo nas questões de alfabetização e de leitura, concebidas como fator de inclusão na cultura escrita. No caso da leitura, os almanaques do leitor acentuam a formação da consciência crítica, ao mesmo tempo em que desenvolvem habilidades para ler de modo autônomo os múltiplos textos da realidade cultural, sejam eles pertencentes a um acervo pretérito (filmes, produtos digitais, publicidade etc), sejam textos novos, articulados entre si e na busca de relações de semelhança e diferença com os conhecimentos prévios. O *Almanaque do Leitor,* dentro do eixo Linguagens e Leitura, integra um material triplo: o livro de literatura, um caderno de atividades relacionadas estritamente ao texto literário e denominado propriamente *Almanaque do Leitor,* e um guia de estratégias para o professor, sugerindo formas de

trabalho, descrevendo e teorizando a respeito das atividades propostas e encaminhando para a expansão de conhecimento, das habilidades e competências vinculadas para além dos textos lidos e para além do espaço escolar. A editora Cristiane Mateus acrescenta: "O *Almanaque do leitor* não teve medo de explicitar que leitura não é algo fácil e que aquele prazer, quase sempre muito mal compreendido, funciona mesmo como um exercício físico: é só depois que seu corpo e alma relaxam e percebem os benefícios." (MATEUS, 2017)

A concepção de base do material, como o próprio título especifica é a do almanaque. Esta forma gráfico-textual difere muito do habitual livro didático. Alia uma visão lúdica e prazerosa de leitura e literatura com um projeto gráfico inovador em termos de imagens, de distribuição do conteúdo nas páginas e recursos a páginas desdobráveis e com abas, adesivos, espaços em branco para a escrita e amplo material visual diversificado. Uma das editoras do material, Giórgia Hellou esclarece o desafio a ser vencido neste trabalho:

> A edição tem a ver com a observação de dois grandes aspectos: um conceitual e outro didático (qual o objetivo da atividade e como o aluno vai desenvolvê-la?). O conceitual, obviamente, foi deixado quase que exclusivamente a critério da autora. Então nos dedicamos a pensar no propósito da atividade e no aluno: como ele vai ler esta atividade? De que maneira podemos deixar a atividade e a página mais atraente e organizada para que ele a desenvolva da maneira adequada para atingir o objetivo? Pensamos também (e muito) no professor e no seu trabalho como mediador: como orientar o professor para que ele também entendesse os propósitos da atividade e orientasse o aluno na condução da atividade? Enfim, procuramos pensar/organizar as atividades na página do livro do aluno e no livro do professor. (HELLOU, 2017)

Cada volume do almanaque se completa com uma atividade-projeto de maior amplitude e que retoma, em chave criativa e de sedimentação os trabalhos desenvolvidos nas páginas anteriores do almanaque. São trabalhos de maior fôlego e implicam, necessariamente, o comprometimento individual e personalizado do leitor. São páginas que convidam, provocam e estimulam a participação autoral do leitor. Na sequência, a pormenorização descritiva dos volumes deixará mais clara a concepção do material e a fundamentação teórica que os originou.

Na organização dos volumes, a tripartição dos níveis de leitura para a formação é guia, roteiro e pedra-de-toque da concepção do trabalho pedagógico. Essa divisão não leva em conta a gradação escolar; por exemplo, o nível iniciante não corresponde estreitamente aos dois primeiros anos do nível Fundamental I. Por se tratar de material para a educação integral, segundo concepção e proposta da *Solução Educacional Tempo*, pode inclusive ter no mesmo nível, alunos de diferentes anos. A experiência docente comprova que, no âmbito da formação do leitor, nem sempre o ano escolar corresponde ao estágio de leitura, ou seja, de alfabetização, de

acesso, de compreensão, de interpretação e de capacidade de relacionar e comparar diferentes textos. Alunos de 3º ano do Ensino Fundamental I podem não estar sequer alfabetizados. Alunos do 4º ano podem ser capazes de ler textos longos e assuntos mais complexos do que a habitual leitura infantil.

Por se tratar de recurso didático para escolas de ensino integral, o *Almanaque de leitor* respeitou os estágios gradativos e diferenciados de formação para a leitura. Não se limitou a seguir programas e conteúdos de livros de língua portuguesa para anos específicos do Ensino Fundamental brasileiro.

Ao todo, são dez os volumes do *Almanaque do Leitor,* dez diferentes obras literárias e dez projetos de autoria, identificados a seguir.

| NÍVEL | TEMA | OBRA LITERÁRIA | PROJETO |
|---|---|---|---|
| **1 Leitor iniciante** | A palavra | **A palavra o que é**, de Luís Pimentel | Álbum da palavra |
| | A imaginação | **Problemas com o cachorro**, de Elvira Vigna | Minipédia de coisas pequenas |
| | Transformações | **A fiandeira de ouro**, de Sônia Junqueira | Livro ilustrado de histórias reinventadas |
| | Aventuras | **Caraminholas de Barrigapé**, de Marcos Bagno | Bichológico caracolento |
| **2 Leitor em processo** | Afetos | **Coleção de bichos**, de Rosana Rios | Registro de informações sobre amigos- REINAMOS |
| | Contradições | **O herói**, de Flávia Savary | Gibi do herói |
| | Viagens | **O papel roxo da maçã**, de Marcos Bagno | Livro do viajante |
| | Desafios | **Visita à baleia**, de Paulo Venturelli | Grande circo dos desafios |
| **3 Leitor autônomo** | Memórias | **A terra dos avôs**, de José Ricardo Moreira | Dicionário de esquisitices |
| | Interações | **O estalo**, de Luís Dill | Hoje tem espetáculo? Tem , sim, senhor! |

Foram criados dois personagens, Léa e Heitor, para criar empatia com os leitores e atuar como ligação entre os almanaques. Eles têm suas características e falas próprias, intervêm no estímulo à realização das atividades, comentam informações e situações, apresentam conteúdos e questionam fatos e modos de ler. Também mudam de idade e aspecto físico juntamente com os alunos, do leitor iniciante ao autônomo.

As diretrizes de toda a coleção podem ser assim resumidas:

- o livro de literatura é fonte e farol das atividades, com as indicações de releituras, total ou parcial;
- o caráter lúdico das atividades, a leveza e humor das propostas e a dinâmica inventiva do projeto gráfico;
- o livro como um material de manuseio e leitura prazerosos;
- a combinação de atividades de curto e longo prazo;
- o incentivo à leitura de múltiplos gêneros textuais e de textos de várias linguagens: visual, musical, teatral, cinematográfica, jornalística, publicitária, de quadrinhos e outras;
- atividades que estimulam a invenção, a contradição, a interrogação, a desacomodação;
- a intensidade e prazer no envolvimento de ações de aprendizagem, a amplitude da leitura de mundo;
- a proposta de um livro com surpresas, páginas duplas, recordes, abas, ilustrações provocativas, páginas com dinâmica visual (uso de todos os espaços, fontes diferenciadas, vários estilos de ilustração, textos a completar), recortes, adesivos, colagens etc;
- a palavra e o texto verbal como âncoras de todos os procedimentos para a formação de leitores com cada vez mais autonomia;
- atividades com suporte pedagógico, página a página, no Guia de Estratégias do Professor. Como pôde ser observado nos cursos de formação específica para o uso dos almanaques, o professor também é estimulado a outra prática docente, renovada, lúdica, inovadora;
- a abundância de textos literários e de não-literários visa construir um acervo do capital cultural dos alunos, com ênfase na adequação e na qualidade estética desse material.

O editor Júlio Röcker Neto aponta para as contribuições dos almanaques segundo a visão da produção editorial:

> - Foge do hermetismo do livro didático convencional, organizado geralmente em capítulos/unidades, seções e sequências didáticas formatadas.
> - O aspecto gráfico-visual é dinâmico e dá a devida importância à conjunção entre texto verbal e não verbal, que têm o mesmo peso, dialogam, por vezes hibridizam-se. Sob esse aspecto, traz para o livro didático o conceito do livro ilustrado literário.
> - A ludicidade e o estímulo ao pensamento e à imaginação são pontos de destaque.

- Ter um livro de literatura associado ao livro de atividades (mais uma inovação no meio editorial didático).
- A proposta é de uma aprendizagem natural, pelo contato com o texto e exploração dele, num contexto proposto pelo livro literário. (RÖCKER NETO, 2017)

**Apresentação sucinta dos almanaques**

**1. Nível: Leitor iniciante**

O aluno está na fase de aquisição das habilidades de alfabetização, mas já domina estruturas narrativas, aprendidas em narrações orais e é capaz de reproduzi-las. Lê geralmente a partir de processos de identificação com personagens. Deixa-se envolver por poemas de musicalidade evidente, em sons, rimas e ritmos. A escolha dos textos literários e das atividades deixou-se guiar por estas características e ampliou atividades de observação e provocação para a criatividade.

*Primeiro volume*

A formação progressiva do leitor começa pela indagação a respeito da palavra, base de todo texto e sentido. Para tanto, o primeiro almanaque está apoiado no texto de Luís Pimentel, *A palavra o que é?*. Em quadrinhas, o autor propõe uma espécie de adivinha contínua, a demonstrar os vários usos das palavras em contextos próximos ao cotidiano infantil.

Seguindo o tom do texto literário e a sua intenção de apresentar ao leitor o universo da linguagem e sua principal qualidade - a da interação entre falantes – o *Almanaque do Leitor* - A palavra propõe em suas páginas atividades com adivinhas (novas e já conhecidas); palavras que formam pares esdrúxulos e que o leitor escolhe e harmoniza, ou não; trabalha com a visualidade gráfica e sua relação com o mundo real (a palavra céu é curta e tem tamanho infinito, já a centopeia é palavra longa, mas o animal é pequeno); a criação de uma fábrica de palavras e as imagens provocadas no entendimento do leitor: palavras alegres, palavras com cara de manhã, doces, corajosas ou cheias. A relação entre a forma gráfica, o sentido estabelecido pelas convenções linguísticas, o significado dos dicionários, o infinito dos neologismos e as associações pessoais de cada leitor configuram um trabalho criativo e lúdico.

Atendendo à diretriz de formar leitores para ler, compreender, vivenciar e criar textos em múltiplas linguagens, os textos de apoio às atividades são formados, como exemplo, por fotos, reprodução de página de dicionário ilustrado, páginas manuscritas de livro de literatura, adivinhas, jogo de caça ao tesouro, poemas de Manoel de Barros e José Paulo Paes e quadrinhos.

Logo nas primeiras páginas é proposta a grande atividade do volume, desenvolvida aos poucos e ao longo do todo o volume, culminando ao final da etapa - e do almanaque – em um álbum de figurinhas, o "Álbum da palavra". No interior do volume há três jogos: o de caça ao tesouro, o jogo da identidade e o jogo do bafo.

*Segundo volume*

Para tratar do tema "Imaginação", o almanaque do segundo semestre parte da leitura da obra *Problemas com o cachorro,* de Elvira Vigna, e propõe como atividade integradora final a criação de um texto do gênero enciclopédia, denominado "Minipédia das coisas pequenas".

A narrativa de Elvira Vigna constrói a relação entre um menino e seu cachorro que vivem um problema: o cachorro fala, mas não se trata de fala comunicativa exclusivamente: o cachorro inventa personagens, situações e histórias. A relação afetuosa entre os dois tem seus alicerces na imaginação, como demonstram as narrativas ao longo das páginas.

Essa combinação de elementos fundamenta todas as atividades do almanaque que tomará o universo infantil em um de seus paradoxos: a dimensão física diminuta da criança e a dimensão imaginária infinita e elástica. Por isso, as atividades terão apoio em animais pequenos vivendo momentos e narrativas extraordinários. Também estabelecem a relação entre imaginário, invenção e ciência, mostrando o quanto se aproximam as duas áreas da vida humana: a arte – ligada ao imaginário; e a ciência – ligada ao racional (GOLDIN, 2012, p.13-20).

Entre as propostas lúdicas deste almanaque salientamos o incremento às atividades de leitura de textos verbais e a escrita criativa. Entre as produções escritas, a variedade de procedimentos merece realce: ordem da narrativa, relatos, palavras cruzadas, reescritas, diferenças entre o texto literário e o texto histórico, construção de narrativas e todos os verbetes da minipédia.

Para estimular leituras, novamente múltiplas linguagens: fotos, telas, canção, notícias, fábula, quadrinhos e poemas. O volume todo expõe o leitor à maior variedade e extensão dos textos verbais, sem deixar de estimular visualmente a leitura por meio da variedade e quantidade de ilustrações. Há maior espaço para a escrita e o desenho, pautados na maioria das vezes pela provocação apresentada ao leitor para criar, para inverter, para comparar, para imaginar.

*Terceiro volume*

O terceiro almanaque deste nível tem como base a obra *A fiandeira de ouro,* de Sônia Junqueira, reescrita do conto *Rumpelstiltskin,* dos Grimm. A narrativa tradicional tem como conflito central um desafio extraordinário: transformar quantidades absurdas de palha em ouro.

Este desafio orienta o trabalho proposto no almanaque: a transformação das histórias ao longo do tempo. Por isso, o tema do volume é "Transformações".

O almanaque inicia pelos contadores de história, por suas técnicas e pela importância da memória. Reproduz histórias de vários continentes e em diferentes gêneros literários: mito, fábula, conto de fadas, lendas e poema narrativo. São textos curtos e completos que tomam personagens e ações heroicas ou mágicas como ponto central. E para cada narrativa os trabalhos propostos vão além da compreensão, evitando as conhecidas e ultrapassadas *fichas de leitura*. Ao contrário, as atividades insistem em observar os elementos narrativos - a linguagem ficcional – nas comparações entre textos, em nível apropriado ao estágio de leitura e de conhecimento prévio dos pequenos leitores.

A proposta do trabalho final é o da criação do "Livro ilustrado de histórias reinventadas", preparado pouco a pouco ao longo do período letivo. Entre os autores selecionados para compor a antologia de textos literários do volume estão Sílvio Romero, Kaka Werá Jecupé, Amina Shah, Roseana Murray, Antônio Nóbrega, Ana Maria Machado, Marie Sellier, os Grimm e uma narrativa do norte da África, recontada por Gyslaine Mattos e Inno Sorzy. Esta composição de narrativas tradicionais com ênfase em sua reescrita e adaptações tem a ver com o tema das transformações e visa estimular o exercício dos leitores ao criar suas versões, procurando servir de exemplo para uma boa qualidade de escrita e para a criatividade da imaginação.

*Quarto volume*

O último almanaque desta tetralogia do Leitor Iniciante apresenta como narrativa provocadora a obra *Caraminholas de Barrigapé,* de Marcos Bagno. O protagonista da narrativa literária é o caracol Barrigapé, apresentado por meio de trocadilhos e associações sonoras. Mas o "bicho molengo" se distingue dos exemplares de sua espécie por suas metas ambiciosas, pela coragem em viver aventuras inusitadas e que transcendem a imagem lerda e pacífica que tradicionalmente se lhe atribuem.

A escolha do tema deste volume – Aventuras – relaciona-se, portanto, a este comportamento inusual. Ao mesmo tempo, seguindo outra característica do texto literário, os jogos verbais (trocadilhos, neologismos, chistes) e a visão carnavalesca (BAKHTIN, 2013) da linguagem, das situações e dos personagens. Por isso, a proposta do trabalho mais denso desta fase é a de um "Bichológico caracolento", em que o leitor é estimulado a criar um fichário de animais com nomes, descrições e aventuras incomuns ou inexistentes, e também de outros animais conhecidos, mas sob uma perspectiva nova ou contrária ao habitual.

A preparação para esta atividade é construída paulatinamente por meio de uma variedade de textos em diferentes linguagens (pinturas, poemas, fotos, verbetes de dicionário e de enciclopédia, notícias, quadrinhos) de autores e artistas de alta relevância na cultura adulta e infantil, como Miró, Escher, Libério Neves, Sérgio Caparelli, Roseana Murray, Renoir, Bill Waterson, Carlos Drummond de Andrade e Adélia Prado. Um dos aspectos marcantes do volume é a formatação gráfica com páginas quádruplas, com abas, com recortes, palavras cruzadas e mapas.

**2. Nível : Leitor em processo**

Neste nível considerou-se o leitor mais consciente no reconhecimento das tarefas da leitura e da escrita e, portanto, receptivo a textos mais complexos em diferentes linguagens. A começar pelas obras literárias que compõem este acervo parcial. Como será apresentado a seguir, a evolução dos textos propostos, tanto no livro de literatura como nas atividades dos almanaques e em suas antologias, ganha densidade em temas, personagens, situações e ideias. Os textos se tornam mais longos, a expressão linguística mais complexa, os trabalhos propostos no fechamento dos semestres são mais abrangentes e exigem uma atuação mais amadurecida dos leitores.

*Primeiro volume*

O primeiro almanaque tem como ponto de partida a obra *Coleção de bichos,* de Rosana Rios. "Eu nunca pude ter um bicho de estimação" é a frase inicial do protagonista e da narrativa. Essa falta leva o menino a adotar como seus os bichos dos amigos e dos vizinhos. Assim, a cada capítulo da obra somam-se os animais, mas, acima de tudo, somam-se as pessoas com suas histórias de vida e de relacionamento: afetos, frustrações, amizades. Ressalte-se que a narrativa de Rosana Rios evidencia as relações entre os animais de estimação e seus donos – qualidades, defeitos, ações e até mesmo nomes motivados. Cada um dos pares dá origem a idiossincrasias – relações, afetividade, emoções, memórias. Portanto, as atividades de leitura e escrita terão esse viés pessoal e afetivo. Muitas das produções escritas solicitadas no volume estão direcionadas a examinar detalhes de bichos e pessoas para culminar em esboços qualificados das relações afetivas. Daí o tema do almanaque: "Afetos".

Os textos para leitura – "Porquinho da Índia", de Manuel Bandeira, por exemplo – procuram explorar as diferentes faces da convivência entre bichos e pessoas. Em momentos diferentes, há questões de compreensão de texto colocadas de forma lúdica, como, por exemplo,

a escolha de imagens, preenchimento de quadrinhos, elaboração de fichas de identificação, complementação ou alteração de versos ou de frases narrativas. O trabalho final proposto é o REINAMOS – Registro de Informações sobre Amigos, valorizando as experiências e escolhas dos pequenos leitores. Este registro se dá em forma de fichas de arquivo, apresentadas em diferentes formatos e ocasiões ao longo das atividades do volume. O cadastro pede a observação com minúcias dos amigos selecionados e a escrita dessas características, valorizando a afetividade e a agudeza do olhar do aluno.

Neste volume persiste a presença de textos de múltiplas linguagens e de diferentes gêneros textuais e literários. Nesta fase estão mais abundantes os textos verbais, atendendo a expectativa de uma evolução qualitativa das habilidades e competência leitoras. Na intenção de alargar a visão de mundo e de ampliar o repertório cultural, no almanaque há a reprodução de textos de Clarice Lispector, Manuel Bandeira, Milton Nascimento, Bob Dylan, Coles Philips e Verdi entre outros.

O projeto gráfico continua dinâmico, colorido e provocador. Os textos verbais ocupam mais espaço nas páginas, que também se abrem em novas abas. O projeto final "Reinamos" também passa a exigir mais completa e complexa escrita com base nas experiências e escolhas do leitor.

*Segundo volume*

O segundo almanaque apoia-se na obra literária *O herói,* de Flávia Savary, que trata das contradições de um herói, forjado por aventuras nada corajosas ou bem sucedidas e que, ao final se recolhe à tranquilidade doméstica. A história se desdobra no registro linguístico das antigas narrativas heroicas, com algumas expressões retóricas e grandiloquentes, e, mesmo na frustração das aventuras. Tal e qual um D.Quixote, o herói se comporta como um convencional e típico cavaleiro medieval. Este contraste entre o desejo e a realidade, entre o antigo e o atual, entre uma fala erudita e um diálogo coloquial cria um ambiente narrativo de contradições que as atividades pedagógicas do semestre e o projeto final pretendem explorar. O tema é "Contradições" e o projeto é a construção de um "Gibi do herói", associando aventuras e heróis à linguagem dos quadrinhos.

O texto de Flávia Savary é escrito em um tom irônico que ressalta os contrastes entre situações reais e as expectativas do herói. A ironia requer uma competência mais elaborada, de modo que do leitor seja exigida a capacidade de lidar simultaneamente com opostos. Esta condição de recepção posiciona o *Almanaque do Leitor* – "Contradições" em um estágio mais amadurecido de leitura. Cria na série dos almanaques uma relação de oposição com o tema "Transformações", visto anteriormente e dá a medida clara da evolução qualitativa na formação

de um leitor experiente e autônomo. Também insere a questão da heroicidade na cultura atual e massificada dos super-heróis do cinema, da televisão e dos quadrinhos.

Para realizar todos esses aspectos culturais, pedagógicos, linguísticos, literários, históricos e psicológicos o almanaque contém textos e atividades que balizam a amplitude do entendimento do leitor, qualificando-o a propor indagações que contrariam conceitos vigentes de heroicidade. Neste almanaque os apelos e o aproveitamento do repertório prévio dos alunos são mais intensos, principalmente devido ao tema que retoma narrativas orais da tradição, trazendo-as, de modo crítico, até a cultura de massa. Abre o almanaque, uma narrativa de tradição, "O matador de dragões", recontada por Heloísa Prieto e que põe em cheque a noção de herói tradicional (jovem, apaixonado, vitorioso) nesta história protagonizada por Morpide, já idoso, abandonado pelos companheiros e fadado à morte em combate. A partir da quebra de paradigma, as atividades propõem, coerentemente, o questionamento de ações consideradas heroicas e as não heroicas, que exigem o destemor da vida cotidiana com seus heróis anônimos.

Em paralelo, as produções de texto escrito resultam de perguntas e situações antagônicas e provocadoras, visando à desconstrução de ideias prontas e estereótipos. É um volume criado sob o signo da contradição com canções, contos, enigmas e códigos secretos em constante indagação e ruptura. Chico Buarque, Cervantes, Eduardo Galeano, Heloísa Prieto e Marisa Monte são alguns dos autores presentes nos textos de leitura sobre o questionamento do tema.

*Terceiro volume*

*O papel roxo da maçã,* de Marcos Bagno, com sua proposta de indagação das formas linguísticas e com os apelos a viagens no espaço físico e no espaço interior, é o texto-base do tema "Viagens" no seguimento do projeto de formação de leitores. A produção que encerra este almanaque é o "Livro do viajante", formatado a partir das questões propostas nas demais atividades do volume, convertendo os leitores em uma espécie de Marcos Polos de uma espacialidade atual e de uma espacialidade gráfico-verbal, verificada na criação do livro (ilustrações, diagramação, capa, texto verbal).

A narrativa de Marcos Bagno alia à história de Rosinha a descoberta das relações entre a natureza e a sensibilidade humana (a maçã e a figura do pai), a brincadeira com os signos verbais (o próprio nome da protagonista), a cultura popular (brincadeiras e versos) e a descoberta do objeto livro e da leitura. Este feixe de assuntos expandiu-se no almanaque em atividades convergentes com a ideia de passagem, de mudança de espaços, de transportes, de viagens. Uma das atividades intitula-se justamente "Livros são viagens". As atividades exploram um rico repertório de poetas, narradores e pintores – entre eles, Cezanne, Cora Coralina, Lygia Bojunga,

Gianni Rodari, Henriqueta Lisboa, Tarsila, Di Cavalcanti, Portinari, Segall, Paulo Tatit e outros. Textos e imagens expandem-se para proporcionar aos alunos um material de reflexão e de exemplo para que ele possa, ao final, criar seu livro de viagens por lugares, pessoas e livros em uma escrita criativa e com observação aguçada.

O almanaque, enquanto objeto, é um exemplo bem realizado de imagens (ilustrações, fotos e telas), recursos gráficos, jogos, abas, páginas espelhadas e referências visuais. Entre as atividades e material gráfico podem ser citados mapas, poemas, canção, paráfrases, carta enigmática, quebra-cabeça e crônica.

*Quarto volume*

O quarto e último volume deste nível apoia-se na obra literária *Visita à baleia,* de Paulo Venturelli e desenvolve o tema "Desafios". A narrativa literária tem acentuado cunho memorialístico e se apresenta como um relato de formação do protagonista, César. A aprendizagem dos fatos da vida familiar e provinciana se dá a partir da visita a uma baleia empalhada, exposta no circo da cidade. Em razão dessas características, a atividade de conclusão dos trabalhos é "O grande circo dos desafios", que os alunos deverão projetar como se fossem cronistas narrando histórias inventadas sobre os desafios (reais e imaginários) acontecidos em um circo.

A narrativa de Paulo Venturelli poderia ensejar um trabalho sobre o medo (há cenas no texto literário que embasariam este enfoque), mas foi privilegiada no almanaque uma atitude mais positiva, centrada nos modos de enfrentar o medo, ou seja, aceitar desafios e vencê-los. Por isso, crônicas, canção, adivinhas, quadrinhos, diagrama e textos históricos encaminham para rodas de conversa e atividades que abordam essa atitude positiva.

A produção textual dos alunos se faz mais numerosa com paráfrases, invenções, preenchimento de lacunas, produções biográficas e outras, sempre vinculada a uma visão de múltiplas perspectivas aliada à busca de expressão pessoal não estereotipada.

Mantendo a coerência com a coleção, estão semeados pelo almanaque textos de Sidney Miller, Tatiana Belinky, Herman Melville, Luís Fernando Veríssimo, Eduardo Galeano, Moacyr Scliar e Fabrício Carpinejar.

**3. Nível : Leitor autônomo**

Ao final da formação proposta pela coleção, o nível de autonomia pretende dar ao leitor a oportunidade de exercer uma postura crítica em relação ao material apresentado. Por isso, cresce

o número de produções textuais, incentivadas por textos que tratam de situações emocionais próximas aos leitores. Também a extensão dos textos é maior, bem como sua compreensão é mais exigente. Sabe-se que a leitura é um processo sem fim. Mas do ponto de vista pedagógico e editorial, é necessário estabelecer alguns objetivos finais. Deste modo, a coleção encerra-se neste terceiro estágio, mas, sabemos, poderia se estender por muitos volumes mais a caminho de complexidades sempre maiores e amplas.

*Primeiro volume*

O terceiro nível da formação de leitores inicia com a narrativa literária *A terra dos avôs,* de José Ricardo Moreira, cujas ampliações interpretativas irão resultar em um "Dicionário de esquisitices". A origem dessa produção está em uma das falas de Tito, o protagonista, que descobre um "buraco esquisito" no jardim, assim como sentirá uma falta *esquisita* – a morte do avô - , ponto nevrálgico do conflito e que conduzirá à maturidade do personagem.

A obra de José Ricardo Moreira, ao tratar da morte do avô, amigo, mentor, provoca entendimentos e brincadeiras pelo avesso. A morte, entendida como o tempo do "nunca mais", exige dos leitores maturidade de vida. A indicação deste texto literário na fase de "Leitor autônomo" se deu dentro dessa condição de maturidade, que favorece a compreensão e alicerça os argumentos em defesa de posições relativas ao tema da morte.

*A terra dos avôs* é uma narrativa de busca da identidade à medida que redescobre simbolicamente o avô por meio das lembranças guardadas pelo neto. Essa descoberta se faz paulatinamente pela reconstrução de cenas do passado e pela transformação do modo de olhar o mundo: pessoas, coisas e natureza passam a ser vistas pelo olhar do avô, isto significa, olhar pelo avesso "meio maluco".

É exatamente por esta qualidade de ver o mundo sob perspectivas diferentes que surgiu a proposta do "Dicionário de esquisitices". Nele os alunos constroem os verbetes, dando-lhes outros significados e contextualizando-os.

Nas diferentes atividades, há um conjunto de informações históricas e científicas para localizar as noções de tempo, de memória coletiva, de comparações entre objetos e escritas e imagens do passado e da atualidade. Os demais textos literários do volume, completos ou em fragmentos, têm a morte, o passar do tempo, o sentimento de perda e a afetividade como diretrizes, trazendo diferentes perspectivas sobre a passagem de um estado vivencial a outro, de uma pessoa à sua ausência, das tentativas de recuperar – simbolicamente ou em forma de mito – a pessoa querida.

Para tanto, o almanaque reproduz textos de Antônio Cícero, Bartolomeu Queirós, Lygia Bojunga, Ferreira Gullar, Ítalo Calvino, Manuel Bandeira, Lewis Carroll e Adriana Lisboa. Em páginas com destaque, telas de Van Gogh e Salvador Dali. Há equilíbrio entre os textos para leitura e a produção textual, dado o estágio de maturidade dos leitores. Esta última, em formato lúdico propõe a criação de um código de símbolos e um texto formatado a partir dele, diagramas, exercícios de polissemia, textos informativos ligados à literatura e questões com estímulo a respostas pelo avesso. Verbetes de dicionário, textos de jornal, de história e de mitologia auxiliam a formação de um lastro para as rodas de conversa e as produções textuais.

*Segundo volume*

A segunda proposta de formação de leitores autônomos está alicerçada na obra literária de Luís Dill intitulada *O estalo,* e propõe para o volume do almanaque o tema "Interações".

A linguagem deste texto tem exclusivo formato dramático. Todo em diálogos pede um leitor colaborativo mais experiente. Sem a presença de um narrador, o leitor obriga-se a completar de modo objetivo, constante e intenso o contexto narrativo – espaço, tempo, composição de personagens, ações – do que lê. São apenas dois personagens, Júlia e Rui, soterrados no desabamento de um prédio, construído pelo pai do rapaz. Estão à espera de socorro, sem a certeza de que ele chegará. Enquanto esperam, contam o que são, o que fazem e pensam, o que viveram e como se relacionam com a família, a escola, os amigos. Dadas essas características do texto literário, a proposta de trabalho final do almanaque é a criação de pequenas cenas teatrais em um livro intitulado "Hoje tem espetáculo? Tem, sim, senhor!".

Para chegar a esta produção final, são propostas algumas cenas com enfoques relacionados ao enredo do livro de literatura, como "Monólogo de um sobrevivente" e "Bombeiros chegando". Há também títulos mais aleatórios como "Esta cena vale uma risada" ou "Viagem nos ombros de um gigante", além de páginas/cenas à escolha do aluno.

Ao longo das atividades, textos e questões relacionados ao conceito de dramático, à formação de diálogos e personagens, além de uma série de fatos e notícias sobre desabamentos reais. Por isso, o recurso aos textos de revistas, jornais, fotos e até a planta de um apartamento. A maior parte dos textos e fotos reproduzidos tem a ver com a arte teatral: são fragmentos de peças e exemplos de passagem do gênero narrativo ao dramático. Para melhor contextualizar o tema das interações – fundamental no teatro – varias páginas do almanaque foram dedicadas à linguagem oral, à comunicação ou à falta dela, como em *Robinson Crusoé,* de Defoe.

Entre os autores escolhidos, Paulo Henriques Britto, Daniel Defoe, Flávia Savary, Moacyr Scliar, Eduardo Galeano e Edson Bueno. Neste volume, a escolha das fotos, gravuras, telas,

testes com gabarito,, criptograma poético, jogo de casas, piadas e textos verbais de vários gêneros exigem do leitor as habilidade de recepção de múltiplas formas de textualização existentes em seu cotidiano.

**Nas mãos dos leitores – a conclusão que abre para outros caminhos**

Em uma visão geral e agora distanciada, a autoria do material didático do *Almanaque do Leitor* foi uma das experiências inesquecíveis de minha carreira docente. A oportunidade de colocar em prática os conhecimentos (até mesmo os mais arriscados) sobre leitura permitiu trazer para a sala de aula um material, sem dúvida alguma, inovador. O editor da coleção informa que:

> As respostas são as melhores possíveis. Os Almanaques do leitor são utilizados por aproximadamente 20 mil alunos de escolas públicas brasileiras. Os alunos e professores entendem facilmente a proposta e são estimulados ao contato com o livro literário e o desenvolvimento das atividades do Almanaque.
> A Editora também fornece assessoria pedagógica de qualidade para a utilização da coleção.
> Não há uma avaliação específica da evolução de aprendizagem com o uso da coleção, mas os depoimentos dos professores corroboram que tiveram evolução as habilidades de leitura e escrita das crianças que utilizam a coleção. (RÖCKER NETO, 2017)

A oportunidade de trabalhar com os professores em alguns municípios, preparando a entrada doa almanaques nas salas de aula com os alunos reais, revelou três consequências paralelas:

1. a inovação e criatividade presentes no material surpreenderam os docentes. Uma das editoras ressalta esse desafio e as consequências para a formação pedagógica dos professores envolvidos:

> A transposição teórica para a prática sempre foi o meu maior receio. Será que a autora, que domina esse arcabouço teórico sobre leitura, conseguirá transformar esse conhecimento em atividades que realmente promovam a formação do leitor? Será que, nós, editoras do material, conseguiremos reconhecer e entender essa transposição? Seremos capazes de, ao editar, contribuir, de alguma forma, para que o material chegue ao aluno e desperte o desejo de realizar as atividades propostas? Não obstante esse meu receio inicial, a transposição teórica para a prática foi feita com maestria e é esse o grande diferencial do material. Essa transposição é explicitada para o professor no Manual: assim, o material não contribui apenas para a formação do leitor aluno, mas, também, para a formação do professor, responsável pela mediação em sala de aula. (HELLOU, 2017)

2. decorrente da inovação, a formação dos professores em serviço demonstrou o quanto eles precisam romper padrões para realizar um trabalho eficiente na formação de leitores. O depoimento da assessora pedagógica Cristiane Gomes Coutinho esclarece que:

> Encantamento, esta é a palavra que melhor descreve o que tenho observado em "campo". Os professores percebem, principalmente dos 3.º, 4.º e 5.º anos, que na prática o trabalho com a literatura pode se transformar em um instrumento rico, de grande potencial para o aprendizado do aluno, para aquisição e aprimoramento da oralidade, leitura e escrita. E o mais encantador é que o professor percebe que não se perde a magia do trabalho com o texto literário.
> Preciso destacar que tem provocado " inspiração" nos professores e um direcionamento assertivo que contribui efetivamente com a prática pedagógica.
> O trabalho com o Almanaque provoca o professor e pede mudanças ou quebra de paradigmas. Muitas vezes, se faz necessário abrir mão de regras e normas que foram criadas para trabalhar com a literatura. Eles aceitam muito bem a proposta, mas precisam do suporte da assessoria para acompanhamento.
>
> Outro ponto importante que destaco como diferencial são as propostas e encaminhamentos metodológicos postados no guia de estratégias do professor.
> Alguns professores comentam que falta tempo para realização das propostas, mas que são muito lúdicas e dinâmicas. (COUTINHO, 2017)

3. no decurso dos cursos de formação dos professores foi possível constatar o quanto eles mesmos se deixaram seduzir pela qualidade gráfica e pelo prazer de brincar aprendendo.

Passados os meses e a coleção em mãos dos alunos, continua sempre a indagação de todo profissional realmente engajado na formação qualitativa dos leitores, como bem o define uma das editoras:

> Ainda hoje acho difícil mensurar até onde conseguimos colocar em prática tantas intenções e verdades sobre a formação de leitores. Mas não tenho dúvidas de que criamos as melhores condições possíveis no momento para que isso acontecesse. E formar leitores também é isso: criar condições que favoreçam a criatividade e a curiosidade. Se no processo editorial isso não fosse praticado, mesmo com tanta teoria e boas intenções, teríamos naufragado. (MATEUS, 2017)

Cristiane Gomes Coutinho, com experiência de 13 anos na formação continuada de professores, tem assessorado a aplicação dos almanaques em inúmeros municípios brasileiros e declara que:

> Os professores apontam uma melhora expressiva na comunicação dos alunos, na compreensão textual e no prazer de ler. Valorizam a leitura como momento de prazer para o aluno.
> Entre tantos comentários, alguns marcaram minha "escuta " sobre o *Almanaque do leitor*:
> " Professora, este livro mostrou um caminho para o nosso trabalho, aproximando verdadeiramente a nossa criança do livro literário. Não é apenas um pretexto ou um mero projeto. Durante o semestre as atividades lúdicas, muito bem elaboradas, conversam com o livro literário proposto e as crianças sentem um enorme prazer e aprendem com isso. ".
> " Professora, o aluno aprende brincando, nunca vi meus alunos tão felizes e alegres na aula de leitura".
> " Chorei com o meu aluno quando lemos o livro: A Terra dos avôs"
> " Meu aluno quer ler duas ou três vezes o livro. Pode? "
> Os alunos conhecem os livros, sabem conversar sobre e o mais apaixonante é " ouvir" os alunos contando as histórias. Os depoimentos são os mais diversos e apaixonantes. Percebe-se o envolvimento da criança com a obra.

> Compartilho uma visita pedagógica que realizei no município de Assis, no 5.º ano. Eles falam de todos os eixos, mas é muito interessante como eles relatam o trabalho com a literatura, principalmente quando mencionam que o texto é difícil, mas eles mostram como solucionam as dificuldades encontradas.
> Para os professores atendidos na utilização da proposta podemos mensurar 90% de aprovação e entendimento da proposta. Já com os alunos podemos estimar 95% de aceitação, 5% destaco a falta de maturidade. (COUTINHO, 2017)

E as qualidades que o material apresenta, segundo a perspectiva dos professores que trabalham com este material, são:

Aspectos positivos do Eixo Linguagens e Leitura:

1. Objetivo: Formação de leitores
2. Projeto gráfico
3. Qualidade dos textos
4. Almanaque atrativo e interessante para o aluno
5. A escolha das obras
6. Ludicidade das atividades propostas
7. Guia do professor com as intenções de cada página
8. A interação direta e indireta do livro de literatura com o Almanaque do Leitor
9. Referências
10. A proposta da seção: Mais Caminhos
11. Níveis leitores
12. Estratégias leitoras (COUTINHO, 2017)

Ao final da caminhada e da tentativa de construir um material que trouxesse contribuição efetiva para a formação de leitores, torno minhas as palavras do editor Julio Röcker a respeito do que, juntos, escrevemos e editamos com enorme entusiasmo e com todo nosso conhecimento acumulado em anos de trabalho com a leitura e os livros:

> Neste projeto, concretiza-se materialmente que leitura é muito mais do que um processo instrumental que decorre da alfabetização. Há muitas pessoas alfabetizadas que não sabem ler, e oferecer ao aluno, já no Ensino Fundamental, essas potencialidades de leitura da palavra e do mundo é um marco editorial e autoral. Saber ler é ser capaz de estabelecer uma conexão entre o que está escrito (ou desenhado ou o que está na parede de um museu, por exemplo) e a vida. Dar ao aluno a condição construir algum sentido, significação ao que lê é dar a ele a capacidade de perceber que a linguagem é uma representação do mundo. A realidade, sendo, uma construção do pensamento e da linguagem humana, é distinta de pessoa para pessoa. Assim, ao ler os outros ou o mundo somos capazes de descobrir outros mundos além do que aquele que é percebido pelo nosso olho. (RÖCKER NETO, 2017)

Talvez nem tudo tenha sido sonho. Talvez nem tudo tenha sido em vão. Certamente, alguns novos leitores podem ter realizado – ou podem vir a realizar – o objetivo maior da formação proposta por nós:

> Seu [da literatura] poder deriva de suas possibilidades de gerar desdobramentos, de provocar estranhamento no interior de cada leitor, de colocar em crise sua identidade e questioná-la, de levar à descoberta de que cada um é outro. A promoção da leitura, como tal, supõe dar ao outro armas para ser diverso de si mesmo. É uma dádiva radical, uma prova de confiança no próximo. (GOLDIN, 2012, p.106)

Enquanto somos outros, confiamos que nossos leitores encontrem (se) outros em outros. A multiplicidade terá, então, resultado em convergência na humanidade essencial.

**Abstract:**
The **Almanaque do Leitor,** edited by Editora Positivo for the integral education school, intend to develop readers by pedagogical activities originated in literature texts. This development have like principles the invention, a playful form, a collection of multiple languages texts and a dynamic graphic composition, just as traditional almanac genre. The readers development is organized by three gradual and ascending levels: beginner reader, in process reader and autonomous reader. The result of the project is a pedagogical and original resource used by 20 000 students until now.

**Key words**: Reading. Readers development. Almanaque do Leitor. Litterature and reading.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski.* Tradução de Paulo Bezerra. 5 edição. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

BINES, Rosana Kohl. *Que histórias contar para os filhos?* Curitiba: Hum Publicações, 2016. Coleção Mediações.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros:* a leitura literária na escola. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSTA, Marta Morais da. *Almanaque do leitor.* Curitiba: Positivo: 2013. (Solução Educacional Tempo Integral – Eixo Linguagens e Leitura, 10v.)

COUTINHO, Cristiane Gomes. Depoimento escrito realizado a pedido de Marta Morais da Costa, abr. 2017.

ECO, Umberto. *A memória vegetal e outros escritos sobre bibliofilia.* Tradução de Joana Angélica d'Ávila. São Paulo: Record, 2010.

FRYE, Northrop. *A imaginação educada.* Tradução de Adriel Teixeira, Bruno Geraidine, Cristiano Gomes. Campinas (SP): Vide Editorial, 2017.

GOLDIN, Daniel. *Os dias e os livros:* divagações sobre a hospitalidade da leitura. Tradução de Carmen Cacciacarro. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

HELLOU, Giórgia. Depoimento escrito realizado a pedido de Marta Morais da Costa, abr. 2017.

MATEUS, Cristiane. Depoimento escrito realizado a pedido de Marta Morais da Costa, abr. 2017.

RÖCKER NETO, Júlio. Depoimento escrito realizado a pedido de Marta Morais da Costa, abr. 2017.

SILVA, Marco Antônio. A fetichização do livro didático no Brasil. *Educação & Realidade,* Porto Alegre, v.37, n.3, p.803-821, set/dez 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v37n3/06.pdf>. Acesso em: abr. 2017.